
“Diante da dor outros”: “as estratégias sensíveis” da produção audiovisual em crises sanitárias¹

Fundação Oswaldo Cruz, RJ

RESUMO

A partir da obra de Susan Sontag (2003) e de Muniz Sodré (2016), propomos analisar dois documentários realizados durante duas crises humanitárias, situações de emergência onde a dor e sofrimento são exploradas pelas representações midiáticas e amplificadas pelo metaprocesso de midiaticização (Krotz, 2007). A análise parte dos contextos de produção das obras e análise fílmica e mostra que produção audiovisual em alinhamento com os princípios doutrinários do Sistema Único de Saúde (SUS) – universalidade, equidade e integralidade – pode contribuir para a reflexão e mudança da visão de mundo e defesa do sistema público de saúde.

PALAVRAS-CHAVE: documentário; povo Yanomami; Covid-19; midiaticização; comunicação e saúde;

PRIMEIRAS CENAS

Em janeiro do 2023 fotografias de indígenas yanomami severamente desnutridos circularam na imprensa. Ainda que a circulação das imagens do povo yanomami em sofrimento vá de encontro com a própria cultura yanomami, que têm restrições ao uso de imagens, sobretudo às dos mortos, que não podem circular e nem mesmo podem ter seus nomes falados ou escritos para que possam alcançar o mundo dos espíritos. No entanto, as fotos dos corpos esqueléticos eram um grito de socorro urgente, necessário e refletido pelas próprias lideranças indígenas durante a crise sanitária para chamar a atenção do poder público, autoridades sanitárias e sociedade, pois “A comunicação é flecha forte”, como diz Júnior Yanomami, presidente da Urihi Associação Yanomami e do Conselho Distrital de Saúde Indígena Yanomami. Dias depois das imagens rodarem e chocarem o mundo, em 20 de janeiro de 2023, é decretado pelo Ministério da Saúde Emergência em Saúde Pública de Interesse Nacional (Espin) na Terra Indígena Yanomami (TIY) por desassistência sanitária.

A partir de então, equipes de reportagem televisas partem para a terra indígena Yanomami para retratar o horror de uma crise humanitária em um território majoritariamente acessado pelo espaço aéreo, onde cada jornalista, produtor ou repórter cinematográfico ocupava o espaço no avião bimotor que seria dedicado a um paciente resgatado, onde faltava comida e água potável. Uma escolha difícil para saber qual flecha

¹ Trabalho apresentado no GP 10 Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

usar. Em determinado momento, a Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente (SVSA) restringe o acesso às equipes por conta de excessos ocorridos durante as gravações como o desrespeito à cultura yanomami, a objetivação dos indígenas e busca exacerbada pelo sensacionalismo. Um repórter cinematográfico e sua câmera seguiram uma mãe e seu filho morto durante um ritual funerário. O ritual não pode acontecer.

Ao mesmo tempo, a crise sanitária precisava ser registrada. Não apenas pela importância de documentação de um triste período da história da saúde pública, mas principalmente para ampliar o debate e visibilidade da saúde indígena, dos povos originários e da degradação do ambiente na Região Norte causada pela mineração ilegal. A partir de uma confluência de um pedido do presidente da Fiocruz para realização de um documentário sobre a Espin Yanomami, antevendo a importância do registro, e a necessidade da SVSA de ter imagens das ações na TIY de forma respeitosa, nasce a proposta da realização de um documentário com um olhar a partir dos pressupostos da Comunicação e Saúde em alinhamento com os princípios do SUS, já praticados no âmbito da Fundação.

Voltando mais um pouco no tempo, 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou a Covid-19 como uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (Espii) e em 11 de março de 2020 elevou o estado da contaminação à pandemia de Covid-19. De acordo com a OMS², o Brasil alcançou a triste marca de segundo país do mundo com maior número de mortos por Covid-19, 702 mil pessoas, em primeiro lugar ficam os Estados Unidos, com 1,2 milhões de vítimas fatais da doença. Um contexto difícil se deu no Brasil onde o Governo Federal ia de encontro com as orientações da OMS em relação à pandemia e não incentivava o uso da vacina, sem até mesmo realizar as tradicionais campanhas de vacinação, o Sistema Único de Saúde (SUS) vinha sofrendo severos cortes orçamentários e ainda assim teve atuar de forma incansável na luta para salvar as pessoas contaminadas.

Da comoção com a atuação dos profissionais de saúde que estavam na linha de frente; da inquietação de estar atuando fora das unidades de saúde da médica infectologista Helena Petta, que durante a pandemia estava dedicada à pesquisa acadêmica e produção audiovisual e com um filho bebê em casa, mas, principalmente, da

² Dados disponíveis em: <<https://data.who.int/dashboards/covid19/deaths>>. Acesso 27 jun. 2024.

urgência de defesa do SUS – sob claro ataque e desarticulação –, surge a necessidade de contribuir de alguma forma com a pandemia.

É quando a diretora começa a conversar por videoconferência com alguns colegas de profissão e a fazer entrevistas com esses profissionais numa tentativa de dar acolhimento e compreendendo que se tratava de um momento histórico que necessitava registro. Surge então ideia da realização de mais um documentário. Num mundo de tantas imagens postas em circulação, como fazer as representações midiáticas que não sejam pautadas pela comoção da audiência em busca de maior engajamento, mas promover a sensibilização e reflexão por meio delas? Como retratar audiovisualmente eventos tão marcantes e sensíveis como as crises humanitárias sem fazer uma exploração indevida das imagens de dor e sofrimento? Como equilibrar a prática audiovisual em espaços de cuidado sem impactar negativamente a situação de saúde das pessoas?

O imbricamento da linguagem audiovisual com a saúde e ciência vem desde os primórdios do cinema. O laboratório Lumière (dos irmãos Lumière) desenvolveu câmeras e filmes especializados para médicos e cientistas que utilizavam o cinematógrafo como um instrumento de pesquisa fisiológica – embora essa seja uma história “cortada” do cinema, um sintoma do desprezo em relação à interdependência tecnológica da ciência e formas de cultura popular (Cartwright, 1995). Abordando mais especificamente o gênero documental, os documentários têm sido tradicionalmente utilizados como estratégia na luta por direitos – muitos deles relacionados à saúde –, por movimentos sociais desde a década de 1980. Parte se deve à vinculação com o mundo histórico, mesma legitimidade observada no jornalismo, que atribui ao gênero estatuto de verdade e que, desde seu surgimento, o entendimento de ser uma estratégia para a discussão de temas sociais.

A despeito das situações de risco e precariedade envolvidas na própria filmagem, observa-se em ambos os filmes uma consciência da vinculação com o mundo histórico que se desdobra na necessidade do registro das duas crises sanitárias onde o Sistema Único de Saúde foi extremamente demandando. No entanto, o registro midiático, cada vez mais necessário num mundo cada vez mais imagético, precisa lidar com os sensíveis limites que podem separar o cuidado em saúde, a necessidade de documentação e a urgência da defesa do SUS e denúncia contras iniquidades sociais.

NOSSA ATUAÇÃO

Para este artigo foram analisados os contextos de produção audiovisual (Muzi, 2022) e análise fílmica (Penafria, 2009) de dois documentários brasileiros produzidos durante crises sanitárias e lançados em 2023 observando: 1) informações apresentadas no filme; 2) dinâmica da narrativa e 3) pontos de vista relacionados à comunicação em alinhamento com os princípios doutrinários do SUS de universalidade, equidade e integralidade (Araújo e Cardoso, 2007). “Xawara e Saúde” (30 min) registra as ações de assistência à saúde contra a “xawara” (doença) em resposta à emergência sanitária na terra indígena yanomami invadida pelo garimpo com imagens e depoimentos de lideranças indígenas e profissionais de saúde. “Quando falta o ar” (75 min) mostra a luta diária de trabalhadoras do sistema público de saúde brasileiro em defesa da vida durante a pandemia. Com foco no cuidado, revelando a face humana da luta coletiva contra a Covid-19 em entrevistas com médicos, enfermeiros e agentes comunitários.

Os contextos de produção implicam em um conjunto de circunstâncias inter-relacionadas que criam as condições que darão origem às produções audiovisuais como as mobilizações pessoais, institucionais, sociais e políticas, às condições materiais. Essas circunstâncias são observadas a partir dos contextos existencial, situacional, textual e intertextual do modelo de Comunicação como Mercado Simbólico (Araújo, 2002).

Num segundo momento os filmes são analisados pelos seus conteúdos em si. Dessa forma, aproximamos do que Penafria (2009, p. 7) chama de análise interna, que “centra-se no filme em si enquanto obra individual e possuidora de singularidades que apenas a si dizem respeito.” Essa análise é relacionada com os princípios doutrinários do SUS: universalidade, equidade e integralidade.

EXTRACAMPO

No cinema, o conceito de extracampo refere-se a tudo que está fora do enquadramento da câmera, mas, no entanto, são fundamentais à linguagem cinematográfica. Em analogia à sétima arte, o extracampo são os eixos teóricos que fundamentam esta análise. Partimos das reflexões de Susan Sontag (2003) sobre as representações da guerra por meio das fotografias e como as pessoas, que nunca vivenciaram um episódio como esse, compreendem essa experiência extrema por meio da mediação das imagens. A iconicidade das imagens atua como forma de representação do real por possuírem uma autoridade sobre a imaginação, que antes já havia sido da imprensa e da palavra falada. Daí justificam os movimentos que antecederam a realização

dos filmes em análise, a necessidade do registro como forma documentação e preservação da memória, mas também como garantia da veracidade de fatos que precisavam ser visibilizados, expostos e amplificados.

As imagens das crises sanitárias no TIY e da pandemia de Covid-19, muitas vezes comparadas às cenas de guerra, dialogam com a memória experienciada também por meio de imagens de outras crises e conflitos e, mesmo que de forma representativa, tentativa e parcial, “elas ainda exercem uma função essencial. As imagens dizem: é isso que os seres humanos são capazes de fazer – e ainda por cima voluntariamente, com entusiasmo, fazendo se passar por virtuosos. Não esqueçam.” (Sontag, 2003, p. 95).

Estendendo à questão do audiovisual, mais especificamente do gênero documentário, ainda embora reconhecendo-o como um construto social, assim como um filme de ficção, e não a materialização de verdade em si de um acontecimento, há uma legitimidade e vinculação do documentário com o mundo histórico assim como acontece com o jornalismo. A associação do documentário ao campo da saúde amplia a legitimidade do produto midiático para além das potencialidades triviais de um filme de promover o debate, reflexão, sensibilização e conscientização para a possibilidade de promover uma mudança comportamental ou até mesmo de uma nova visão de mundo uma vez que circulam vozes de “profissionais de saúde e cidadãos, que relatam suas experiências em igualdade de condições. Essa legitimidade do documentário sobre saúde é apenas mais uma mediação que atua na circulação midiaticizada.” (Muzi, 2022. p.109).

Muniz Sodré (2016), propõe uma perspectiva de análise para o campo da comunicação a partir do afeto e sensibilidade, indo de encontro às abordagens analíticas que antagonizam razão e emoção. “[...] na prática social implica a ditadura lógica da razão como domínio universal” (Sodré, 2017, p.26). Mas seria a utilização dessas estratégias sensíveis para a promoção da reflexão e emancipação na produção audiovisual?

APROXIMANDO AS LENTES

No documentário “Xawara e Saúde” foram produzidas imagens e entrevistas que vão ao encontro dos princípios de universalidade, a saúde como um direito de todos, indo até o território indígena de difícil acesso, mas também pensando na comunicação para todos o filme foi traduzido em três idiomas, incluindo o yanomae (língua Yanomami), e disponibilizado com os recursos de acessibilidade de audiodescrição e janela de Libras. O princípio da equidade se dá na busca da compreensão dos diferentes contextos e

condições de vidas dos interlocutores, incluindo profissionais de saúde, indígenas e não indígenas, de diversas categorias profissionais e lideranças indígenas yanomami, que falaram em sua língua. Em diálogo com o princípio da integralidade, o documentário adota uma abordagem cinematográfica que não privilegia a perspectiva biomédica, centralizado na figura do médico e no binômio saúde-doença, mas que retrata vários profissionais de saúde e dá conta do conceito de “bem-viver” dos povos indígenas, que significa a saúde da mente, corpo, espírito e do território.

Em “Quando falta o ar”, observa-se o princípio da universalidade na representação de um SUS que chega até aos povoados mais isolados de comunidades ribeirinhas e às pessoas em situação de cárcere. A equidade se revela em uma das cenas mais representativas do filme, incluída também no trailer. Uma paciente idosa pergunta para a médica de família que está em sua casa dando orientações sobre o distanciamento social: “Essa menina, vem cá. (pausa) Ah eu vou chorar.” E com a voz já embargada pergunta, “Ô doutora, não faz mal eu comer macaxeira?”. Para a comunicação e saúde, a equidade se dá pela compreensão das diversidades e diversos contextos e condições de vida dos interlocutores. O filme também dialoga com o princípio da integralidade no campo da comunicação por meio da polifonia de interlocutores, dando escuta à diversas categorias de trabalhadores da saúde muitas vezes invisibilizados como enfermeiros, técnicos de enfermagem, agentes comunitários de saúde e profissionais que atuam na limpeza das unidades de saúde, que foram fundamentais para o enfrentamento da pandemia.

A escolha pelo uso de imagens e sons que sugerem, mas não explicitam a dor e sofrimento sem expor as pessoas em situação de vulnerabilidade e a exposição dos princípios de universalidade, integralidade e equidade do SUS na forma e conteúdo dos filmes analisados informam e divulgam um sistema de saúde público em atuação por meio de uma linguagem ampliada e de fácil acesso seja por meio da internet, TV ou cinema.

CENAS FINAIS

A atuação, pela primeira vez de forma ampla no SUS, dos gestores de saúde coletiva indígena em “Xawara e Saúde”. As vestimentas e máscaras que esses seres humanos que viveram entre os anos 2020 e 2022 vestiam, as formas que usavam para limpar e lavar suas mãos, a forma com que limpavam as ‘casas de cura’ e os rituais de enterramento dos corpos dos entes falecidos em “Quando falta o ar”. Os dois filmes materializam-se como importantes registros da história da saúde pública no Brasil. Duas

crises sanitárias que se desdobraram de crises políticas e que trazem oportunidades para refletir sobre as condições da saúde da população, como ocorreu em outros momentos históricos que temos conhecimento, muitas vezes, pelas representações midiáticas.

Realizar produções audiovisuais no campo da saúde em alinhamento com o princípios do SUS buscando incluir a diversidade de públicos (universalidade), seja por meio da representação de imagens ou versões com recursos de acessibilidade e/ou em outras línguas; incluir os diferentes contextos de comunicação (equidade) e garantir a escuta de diferentes atores sociais envolvidos (integralidade) são estratégias sensíveis, que, diferentemente dos critérios sensacionalistas de noticiabilidade, cumprem um importante papel de comunicação, defesa e valorização do sistema público de saúde. Logo, ainda que sejamos incessantemente expostos às imagens de calamidades e tragédias, essas imagens das crises sanitárias ainda podem ser usadas para sensibilizar, refletir e servirem de oportunidade para que outros brasileiros possam conhecer a importância, a dimensão, a complexidade e a capilaridade do Sistema Único de Saúde e assim, quem sabe, poder conquistar mais pessoas para lutar e defender o SUS.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, I. S. de. **Mercado simbólico**: interlocução, luta, poder: um modelo de comunicação para políticas públicas. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

ARAÚJO, I. S.; CARDOSO, J. M. **Comunicação e Saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

CARTWRIGHT, L. **Screening the body**: tracing medicine's visual culture. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1995.

MUZI, D. **YouTube-se**: circulação e condições de visibilidade de vídeos sobre saúde na internet. São Roque, SP: Gênio Editorial, 2023.

KROTZ, F. The meta-process of “mediatization” as a conceptual frame. **Global Media and Communication**, [S.l.], v. 3, n. 3, p. 256-260, 2007.

QUANDO falta o Ar. Direção: Ana Petta, Helena Petta. São Paulo: Paranoid: Clementina Filmes, 2023. 1 vídeo (75vmin.).

PENAFRIA, M. Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s). **VI Congresso SOPCOM**, p. 1–10, 2009.

SODRÉ, M. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.

SONTAG, S. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

XAWARA e Saúde. Direção: Daniela Muzi. Rio de Janeiro: VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz, 2023. 1 vídeo (30 min.).